



Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA – 28.09 a 01.10.2015

**Práticas Tradicionais e Experiências Agroecológicas no Sudeste Paraense: Um
Estudo a Partir das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu**

**Traditional Practices and Agroecological Experiences in Southeast Pará: A Study
From the Women Babassu Coconut Breakers**

COSTA, Rita de Cássia Pereira da¹; SILVA, Cristiano Bento da²

1Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, ritacosta55@hotmail.com; 2 Assessor
Comunitário pelo Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu,
cristiano_mbatm@hotmail.com

Resumo

Este trabalho procura dar proeminência às práticas das mulheres quebradeiras de coco babaçu situadas no sudeste paraense, destacando as dificuldades enfrentadas por elas no sentido de viabilizarem as atividades que desempenham. Essa discussão se alinha ao entendimento de que as práticas extrativistas investigadas, a organização social e política destas agentes sociais constituem sentidos e experiências agroecológicas. Na intenção de apreender tais relações, adotamos como procedimento metodológico o trabalho de campo, baseado em entrevistas semiestruturadas, registro fotográfico e anotações em diário de campo. O resultado da pesquisa aponta para um processo de devastação dos babaçuais e, como resultante disto, conflitos sociais se adensam e desvelam um modelo de relação com a natureza que parece não encaixar formas de vida alternativas e sustentáveis, visualizado com destaque, o que ocorre em relação às quebradeiras de coco babaçu.

Palavras-chave: Extrativismo; Devastação; Agroecologia; Conflitos Sociais.

Abstract:

This work seeks to give prominence to the practices of women babassu coconut breakers located in the southeast Pará, highlighting the difficulties faced by them in the sense of to enable the activities they perform. This discussion is aligned with the understanding that extractive practices investigated, social and political organization of these social agents constitute sense and agroecological experiences. In intention to apprehend these relations, we have adopted as methodological procedure the fieldwork, based on semi-structured interviews, photographic records and notes in field diaries. The result of research points to a process of babassu devastation and, as a result of this, social conflicts become denser and unveil a relation model with nature that does not seem to fit alternative and sustainable forms of life, viewing with highlighting, what occurs in relation the babassu coconut breakers.



Keywords: Extractivism; Devastation; Agroecology; Social Conflicts.

Introdução

Este trabalho enfoca as práticas extrativistas das mulheres quebradeiras de coco babaçu da região sudeste do Pará e os desafios que a elas se apresentam no sentido de inviabilizar o modo de vida ali experienciado. Alinham-se a esta discussão avaliações de como estas experiências ligadas às suas territorialidades específicas (ALMEIDA, 2006) constituem práticas e sentidos agroecológicos.

Área de ocorrência de babaçuais, a região se configura em um espaço de reprodução material e simbólico da vida destas agentes sociais, lugar de constituição e (re) afirmação de suas identidades políticas e também de disputas pela preservação da palmeira do babaçu.

A região destacada, nas extensões que a ligam aos estados do Tocantins e Maranhão, evidencia no colorido da paisagem os babaçuais nativos e de floresta secundária em diferentes estágios classificatórios. Podem ser verificados babaçuais recentes (as *pindovas*), jovens e adultos. Estes se encontram em condições de intenso brotamento, espaçados, densos ou manejados por raleamento. Além disso, radicalizando as intempéries, temos as situações de envenenamento.

É necessário, então, valorizar além da organização sociopolítica destas mulheres, o seu modo específico de lidar com a natureza. Elas encaminham práticas menos agressivas ambientalmente, mais inclusivas socialmente e economicamente viáveis (CAPORAL, COSTABEBER, 2002). Ou seja, são experiências de dimensões agroecológicas levadas adiante por grupos sociais que têm a devida dimensão da importância do uso sustentável da natureza e do fomento a certas atitudes e valores



“em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais” (CAPORAL, COSTABEBER, 2004, p.12).

Metodologia

O estudo em relevo, conforme já se adiantou, foi realizado na região Sudeste do estado do Pará, a partir de investigação junto às mulheres do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Elas residem em lugares distintos: PA 21 de Abril, PA Castanhal Araras, PA Castanheira, vila São José, vila São Benedito, vila São Raimundo, vila Santa Rita, vila Itamerim, Ponta de Pedra do Araguaia e Palestina do Pará.

Utilizou-se como técnica de captura dos dados, entrevistas semiestruturadas, sobretudo (mas não somente) nas reuniões de grupo. Registro fotográfico e anotações em caderno de campo também deram a tônica do processo. Além disso, análise documental e levantamento bibliográfico nos auxiliaram nesta empreitada.

Resultados e discussões

Adentrar no universo das mulheres quebradeiras de coco babaçu é levar em consideração o liame que há entre o território e a identidade. No sentido posto,

Babaçuais, castanhais e seringais, sob este prisma, não significam apenas incidência de uma espécie vegetal numa área ou uma “mancha”, como se diz cartograficamente, mas tem uma dimensão identitária traduzida por extensões territoriais de pertencimento (ALMEIDA, 2006, p. 88 grifos do autor).

A expressão clara dessa relação é a constituição do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, abrangendo os estados do Pará, Tocantins,



Maranhão e Piauí. Constituiu-se, portanto, uma identidade coletiva objetivada em um movimento social (ALMEIDA, 2008).

Entrementes, apesar desse processo organizativo, a economia extrativista do babaçu, baseada em regime de trabalho familiar, tem sofrido toda sorte de infortúnios. Almeida (2005, p. 29) ressalta que estamos diante de um processo de devastação dos babaçuais, os quais ocasionam “pressões sobre recursos florestais, hídricos e do subsolo”. Como consequência, uma atmosfera de conflito se desenha em face das arbitrariedades protagonizadas por atores sociais hegemônicos.

Os problemas se adensam em escala geométrica. Ou seja, “a quebradeira do coco, além da derrubada das palmeiras, agora, do resto que ficou ainda não temos o direito, porque as terras são de dono” (Cledeneuza Maria Bezerra). Além de tentar dirimir o problema da devastação, o aspecto da dominação fundiária ainda está presente.

O conflito pela existência é uma constante:

Lá no Itamerim a gente é rodeada de fazendeiro. Aonde a gente vai catar coco, tem muitos que não dão, porque dizem: ‘não, nós vamos dar o coco não, porque vocês são quebradeiras, podem nos denunciar e pode vir alguma lei que venha proibir nós de derrubar o babaçu’ (Maria Rita de Sousa).

No transcurso do relato da interlocutora, ela destaca que “já tem uma carvoeira lá que compra o coco do fazendeiro e queima o coco inteiro”. A situação se complica, sobretudo, quando se sabe que está em jogo não só a interdição da coleta do coco pelas mulheres, mas sim o proveito financeiro que daí o fazendeiro pode tirar.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu constituem um grupo de extrativistas organizadas. E, ao fazê-lo, no nosso modo de ver, elas se inserem no prisma agroecológico na medida em que reivindicam a sustentabilidade tanto ambiental,



quanto social e econômica. Portanto, aspiram a formas de produção e modos de agir que estão em consonância com o que preconiza Caporal; Costabeber (2004, p. 13):

[...] quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cujas contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.

Isto é bastante pertinente, pois o modelo hegemônico de relação com a natureza parece não encaixar formas de vida alternativas e sustentáveis em diversos âmbitos. E a atividade das mulheres quebradeiras de coco babaçu, ao que tudo indica, está em desacordo com este modelo. Nesse sentido, a Agroecologia apresenta um paradigma de orientação e ação mais afinado com estas práticas, e pode fortalecer os processos de territorialização aí em cursos.

Conclusões

Os desdobramentos da pesquisa destacam, por um lado, as relações conflituosas das mulheres quebradeiras de coco babaçu, sobretudo, com grandes proprietários de terra. A interdição relacionada à coleta do coco, à queima, à derrubada e ao envenenamento das palmeiras traduz um processo contínuo de devastação dos babaçuais. Por outro lado, há denúncias desse fenômeno pelas agentes sociais em destaque. E isto evidencia a insustentabilidade dessas relações, além de apontar que as práticas das quebradeiras de coco babaçu se inserem no debate agroecológico em muitos de seus aspectos.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, A. W. B. **Guerra ecológica nos babaçuais**: o processo de devastação das palmeiras, a elevação do preço das *commodities* e aquecimento do mercado de terras na Amazônia. (Org.) ALMEIDA, A. W.; SHIRASHI NETO, J.; MARTINS, C. C. São Luís, 2005.
_____. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA-UFAM, 2006.



ALMEIDA, A.W.B. **Antropologia dos arquivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

CAPORAL, F.R; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: enfoque científico e estratégico. Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent., Porto Alegre, v.3, n. 2, abr/junh. 2002.

_____. **Agroecologia**: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.